

Cultura, Subjetividade e Experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura

Lugares Traumáticos e o “Elefante Branco” na Cidade¹

UGLIONE, Paula

Pós-doutoranda em Arquitetura

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brazil

Resumo

O presente artigo apresenta uma metodologia de análise da paisagem urbana, desenvolvida sob uma perspectiva da memória como elemento fundamental na relação pessoa-ambiente. É a partir da memória que as pessoas relacionam-se consigo mesmo e com o mundo que os cercam. Mas a memória não é algo que está em algum lugar na mente, não é armazenagem daquilo que foi vivido, mas é um processo de montagem, sempre atualizada, de arquivos, de repertórios. Memória é processo de representação psíquica das coisas; é simbolização. A memória é sempre requisitada na construção subjetiva do real. Conhecer os arquivos que as pessoas constroem dos espaços urbanos existentes em suas realidades de vida possibilita conhecer como esta cidade existe, simbolicamente, ou seja, como ela é inventada na paisagem urbana. Assim, com o objetivo de conhecer e analisar a paisagem urbana inventada pelos seus moradores, desenvolvemos uma metodologia de escritas de histórias da cidade., que se chamou Arquivos Mnemônicos do Lugar. Aqui apresentaremos as etapas, os procedimentos e os resultados da utilização desta metodologia na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente, no estádio de futebol Engenheiro. A utilização da metodologia

¹ Projeto desenvolvido com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/Faperj

demonstrou que as metáforas são fortes indicadores dos significados que as pessoas atribuem aos lugares. Alguns espaços, construídos ou não, na paisagem urbana tem uma grande capacidade de acionar o trabalho da memória, sendo importantes arquivos urbanos da cidade.

Palavras-chave: memória urbana, lugares traumáticos

Abstract

This paper presents a methodology of urban landscape analysis, developed with an understanding of memory as a fundamental element in the person-environment relationship. The way people see themselves and the world around them is primarily influenced by memory, which is much more than a mere storage of experiences situated somewhere in an individual's mind. It is rather an ongoing construction and update of "archives." Memory is a process of psychic representation of things; that is, symbolization. For this reason, it is always required in the subjective construction of reality. Getting to know the archives people build up about the urban spaces surrounding them allows the observation of the symbolic existence of their city and how it is "invented" through the urban landscape. Thus, aiming to investigate and analyze the urban landscape "invented" by its inhabitants, we have developed a methodology of writings of stories about the city, which has been named Arquivos Mnemônicos do Lugar ("Place Mnemonic Archive"). In this paper we will present the stages, procedures, and results achieved by the methodology in the city of Rio de Janeiro, more specifically at the Engenhão stadium. The use of the methodology has demonstrated that metaphors are a major indicator of the meanings people associate with places. Some spaces in the urban landscape, either occupied by buildings or not, have proved excellent at jogging people's memories, being therefore important "urban archives" of the city.

Key words: urban memory, traumatic places

Elefante Branco na Cidade

Um *Elefante Branco*: assim o Engenhão foi definido pelos moradores da cidade. Estádio de futebol construído no centro de um bairro tradicional do Rio de Janeiro, o Engenhão é hoje um dos principais estabelecimentos esportivos do Brasil.

Os estádios de futebol, como se sabe, cada vez mais ocupam o interesse e a preocupação de arquitetos e planejadores urbanos de modo geral. A transformação do futebol num dos maiores negócios da atualidade e a consequente mobilização econômica, midiática, cultural, ligadas aos jogos e aos campeonatos no mundo todo, fizeram destes estádios um importante eixo de reflexões sobre a cidade e sobre os fenômenos urbanos contemporâneos. E o Engenhão não foi diferente: sua inserção na paisagem urbana carioca trouxe inúmeras interrogações sobre a cidade, mas, acima de tudo, trouxe muitas e grandes exigências a esta cidade e a seus atores.

Planejado para compor o conjunto de obras destinadas aos Jogos Pan-americanos no Brasil, o Engenhão foi construído num terreno da Rede Ferroviária Federal, que abrigou durante mais de um século a oficina e a garagem dos vagões de trens.

O bairro no qual se localiza o estádio, chamado Engenho de Dentro – por ter sido a sede de um engenho de açúcar no período colonial brasileiro – tem sua formação vinculada às atividades da antiga oficina. Os moradores de Engenho de Dentro, na sua maioria, são famílias de ex-funcionários da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), extinta por medida provisória no dia 22 de janeiro de 2007, ano em que houve a inauguração do Engenhão.

O Engenhão, assim, é um “acontecimento” no bairro e na cidade, como diria Deleuze (2006), a provocar e a convocar todos (bairro, cidade e seus sujeitos) ao eterno movimento de reconstruir-se, próprio da “dimensão trágica da vida” (idem).



E o *Elefante Branco* é uma metáfora utilizada pelos cariocas neste processo de reconstrução dos significados, dos usos e dos valores, tanto deste novo edifício que se insurge na paisagem, como do bairro e da vida de cada um que ali mora ou frequenta. Processo de reconstrução inerente as transformações que caracterizam toda urbanidade, e que implica um complexo, artiloso (e inevitável) “trabalho” de escritura simbólica (Benjamin, 1995), ou em outras palavras, um trabalho de memória.

Memória e os Arquivos Urbanos

A memória urbana é um vasto campo de reflexão sobre a cidade. Assim como as discussões sobre memória de modo geral, ela (a memória urbana) tem sido um dos importantes temas de análise, de compreensão e de intervenção na cultura contemporânea. E um dos pontos-chave destas discussões refere-se ao caráter arquivista da sociedade atual. O reconhecimento de que o efeito de arquivamento – aumentado pelas tecnologias contemporâneas de memória eletrônica – pode não ser, necessariamente, o de “conservação” da memória (idéia muito forte nas racionalidades medieval e modernas), mas pode ser, pelo contrário, o de sua (da memória) substituição (Arantes, 1999; Huyssen, 1994, 2000; Jeudy, 1990; Nora, 1997).

Ponto de vista este que trouxe para as discussões e olhares sobre a memória uma certa desconfiança, um desafeto por parte da racionalidade contemporânea, incluindo-se a racionalidade arquitetônica e urbanística, em relação ao arquivo como dispositivo da memória. A concepção de arquivo, assim, passa a ser vinculada, não de modo homogêneo, evidentemente, a uma *não-vontade* de memória na sociedade.

Tomando como base a influência das novas tecnologias de comunicação e de informatização no estatuto da memória, tal ponto de vista centra-se na inquestionável capacidade dessas tecnologias de compor, via arquivos digitalizados, um vasto corpo

de registros. Aumento quantitativo de registro, diminuição da memória – esta seria a fórmula que regularia atualmente a memória na cultura, sob aquele ponto de vista. Diminuição da memória, esta, diretamente relacionada a uma vontade de não-lembrar da cultura moderna, que atribuiria a tecnologia a tarefa de “armazenar” aquilo do qual teme esquecer, pela sua própria falta de necessidade de memória (Huysen, 2005).

A sociedade atual, sob o princípio de um *produtivismo arquivista*, de um *culto documentário*, de uma *memória registradora*, delegar ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e de multiplicar os signos onde ela se deposita (Nora, 1997).

Sob outra óptica, Derrida (2005) entende que arquivos são traços que vem do passado e que (impreterivelmente) devem ser interpretados (no presente) para que as heranças e a transmissão da história aconteça. O arquivo não é uma peça morta nem do passado nem pode ser do presente. O arquivo é uma construção, ele implica trabalho, montagem e, por envolver escolhas, desejo de algo, ele contém (impreterivelmente) o futuro. No arquivo, e no seu processo de construção, está a dimensão desejante - e, portanto, também ficcional - do movimento da história.

Derrida (2005) toma como uma de suas principais referências o pensamento freudiano, mais especificamente o texto escrito por Sigmund Freud em 1885, chamado Projeto para uma Psicologia Científica. Neste texto, num momento ainda incipiente de sua teorização, Freud propõe um modelo de psiquismo pensado como uma “máquina de escrever”. Máquina, ou aparelho psíquico, como Freud acabou denominando, que iria, em passos sucessivos e complementares, capturando, organizando e disponibilizando elementos para serem o repertório a partir do qual as experiências perceptivas, comportamentais, cognitivas e afetivas de cada pessoa encontram um suporte. Máquina de escritura que dotaria a memória humana de uma extraordinária capacidade de montar, movida por mecanismos psicológicos extremamente complexos, “verdades” a partir das quais a vida adquire significado e realidade. O psiquismo seria um arquivo de

memória e é deste arquivo e de sua maneira de arquivamento que o homem relaciona-se consigo mesmo e com o mundo que o cerca.

Memória urbana, então, nesta perspectiva, pode ser entendido como a construção dos arquivos da cidade. Construção ficcional, inventiva, de novos e renovados significados frente as mudanças, as intensidades que a urbanidade requer; construção psicológica, social e histórica.

Arquivo Mnemônico do Lugar

Arquivo Mnemônico do Lugar é um conceito tomado de empréstimo das concepções de memória e de registro mnemônico, tanto de Freud (1895) quanto de Derrida (2005), ambas apresentadas sucintamente acima. Trata-se de uma abordagem de intervenção na cidade, tendo a memória urbana como principal objeto de interesse.

Arquivo Mnemônico do Lugar é uma ferramenta de escrita de histórias da/na cidade, que se utiliza de relatos orais e de um percurso construtivo de *narrativas da cidade* através das metáforas constitutivas dos relatos orais.

Ao solicitar aos moradores de uma cidade que relatem suas recordações acerca de um lugar, a “máquina de arquivos” é acionada, e as significações se acionam no exercício do “arquivamento”. Ao solicitar aos moradores do Engenho de Dentro que relatassem suas recordações acerca da antiga oficina de trens – utilizando o Arquivo Mnemônico do Lugar -, o olhar daquele grupo voltava-se para o Engenhão e, nesta tarefa mnemônica, construía, inventava (com suas narrativas da cidade) uma história e uma realidade, tanto para ele (o Engenhão), como para o bairro e para si.

Narrativa Metafórica do Engenho

No exercício de recordação dos moradores de Engenho de Dentro, o Engenho vai se inscrevendo na história do bairro, da cidade e da vida das pessoas.



Elefante Branco, nos relatos dos moradores significa:

...um lugar equivocado, insignificante, mal utilizado, disfuncional; ele decepciona, mas, ao mesmo tempo (como todo Elefante Branco na estante), ele é a “boa sorte” da cidade. Ele trouxe vida para o bairro. É pesado, porém inofensivo: ele acomoda-se na paisagem da cidade. Ele é uma brincadeira, um lugar para se brincar na cidade (ou da) cidade...



Inventando a Cidade: Memória, Metáfora e Histórias

A memória urbana não existe em si nas “pedras” da cidade. Não há uma arquitetura ou um plano urbanístico que garanta a memória na cidade. Ela (a memória urbana) é o exercício de (re)inventar histórias da/na cidade. Histórias e significados, frente aos acontecimentos, as transformações que fazem deste cenário (o urbano) um lugar de possibilidades, de mutações, de liberdade e de esperanças – afinal a cidade contemporânea não é uma das grandes expressões das conquistas humanas, em termos de diversidade, direitos individuais, cidadania?

A conservação de lugares não é garantia de memória urbana, nem tão pouco a construção de museus (reais ou virtuais). Por outro lado, a destruição eufórica e acelerada das cidades tão pouco garante que os passados indesejados desapareçam e a claridade de futuros brilhantes iluminem nossas vidas. Freud (1900) não se cansou de acenar para a contradição inerente a toda busca de esquecimento: aquilo que insistimos em esquecer, insistirá em retornar.

As metáforas utilizadas pelos moradores para (re)escrever a história do seu bairro, agora transformado pela construção de um estádio de futebol, demonstram o trabalho de simbolização da memória. Memória é remanejamento de arquivos, que inventa, no jogo lúdico da linguagem, a cidade real que, afinal de contas, é (sempre) um pouco a cidade recordada, um pouco a cidade desejada, um pouco a cidade esquecida.

Bibliografia

- ARANTES, Otília. *Arquitetura simulada*. In: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Mal do arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos Sonhos*. (1900). Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Projeto para uma psicologia científica*. (1895). Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HUYSSSEN, Andreas. *Twilight memories: marking time in a culture os amnésia*. Routledge: London, 1994.

_____. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2005.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memória do Social*. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

NORA, Pierre. *Lês Lieux de Memoire*. Gallimard: Paris, 1997.

Termo utilizado por Delgado (1999) para frisar os aspectos de mobilidade e heretogeneidade que caracterizam algumas cidades, especialmente as metrópoles contemporâneas, e que lançam os sujeitos a "*intensas experiências com o mundo*" (p. 7).

Na cultura popular, um Elefante Branco na estante de uma casa trás boa sorte para esta residência.

